CORREIO POLÍTICO

POR RUDOLFO LAGO

Valter Campanato/Agência Brasil

Alckmim reuniu-se com mais cem empresários

Licões de anestesia do dr. Alckmin

"Minha especialidade é anestesia". Com seu peculiar senso de humor, o vice-presidente e ministro da Indústria e Comércio, Geraldo Alckmin resumiu com maestria na manhã de quinta-feira (31) no programa de Ana Maria Braga o que ele fez para mitigar os efeitos do tarifaço ameaçado pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, na economia brasileira. Alckmin agiu para diminuir a dor que a sobretaxação provocaria em todos os brasileiros. E é inegável que teve sucesso. Com as quase 700 exceções na lista, a intensidade do tarifaço foi fortemente atenuada. A forma como o dr. Alckmin agiu para anestesiar a sobretaxa ameaçada por Trump foi antecipada aqui no Correio Político, na coluna do dia 25: com a ajuda dos empresários.

Empresários

Os instrumentadores do vice-presidente na sala de cirurgia foram os empresários, do Brasil e dos Estados Unidos. Nas últimas semanas, Alckmin reuniu-se com mais de cem empresários ou associações que os representam, tanto brasileiros como norte-americanos.

Pressão

Diante do fechamento de qualquer canal político ou diplomático, Alckmin apostou na pressão feita pelo setor privado. Por uma razão clara: se Trump sobretaxasse todos os produtos que o Brasil exporta para os EUA, o prejuízo não seria somente para o Brasil.

Embraer

Mais da metade da frota de SkyWest é da Embraer

Aviões são bom exemplo do estrago do tarifaço

A indústria aeronáutica é o melhor exemplo do estrago que um tarifaço total provocaria aos EUA. Os aviões da Embraer dominam completamente a aviação doméstica regional do país. Algumas linhas que operam em aeroportos menores exigem que as aeronaves tenham, no máximo, 39 toneladas. E são poucos os aviões no mundo com número maior de assentos com essa característica. A linha E1 da Embraer a tem. Por conta disso, a SkyWest, que opera mais de 2,5 mil voos diários, tem 265 aviões E175, da Embraer. É mais da metade da sua frota, de 502 aeronaves. Ainda que não comprasse novos aviões, a SkyWest teria de comprar peças.

Custo

Tais peças ficariam mais caras. E, naturalmente, a empresa repassaria o custo maior aos consumidores. As passagens ficariam mais caras. E se a linha E1 é boa para esse tipo de voo, novos aviões seriam comprados. De fato: já havia 181 pedidos novos de companhias dos EUA.

Empregos

Os eventuais prejuízos não parariam aí. Não é toda a linha de montagem da Embraer que fica na sua sede, em São José dos Campos (SP). Parte da produção dos aviões é feita nos EUA. Com funcionários dos EUA. Que ganham salário e consomem nos EUA.

Desemprego

Ou seja, no extremo, o tarifaço poderia levar a demissões nos próprios Estados Unidos. Raciocínio semelhante vale para a cadeia do suco de laranja. Praticamente ninguém no país de Trump pega uma laranja e espreme na cozinha para tomar o suco.

Produção

O suco é industrializado. Então, a laranja faz parte de uma cadeia produtiva que envolve milhares de pessoas. Seja de uma empresa grande como a Coca-Cola ou de fabricantes menores da bebida. Assim, aplicou-se a anestesia também no país de Trump. Só uma picadinha.

Haddad discutirá tarifaço com Tesouro dos EUA

Alckmin calcula impactos negativos de quase 36%

Valter Campanato/Agência Brasil

Alckmin: negociação não terminou, ela está começando

Por Gabriela Gallo

Em meio às repercussões do decreto do presidente dos Estados Unidos da América (EUA), Donald Trump (Republicano), confirmando as tarifas de 50% a uma lista de produtos brasileiros a partir de próxima quarta-feira (6), o governo federal segue com as articulações para tentar amenizar os impactos comerciais e econômicos das taxas. Mas não apenas o Brasil, como o próprio governo norte-americano, começa a fazer acenos de negociação. Segundo o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, a Secretaria de Tesouro dos Estados Unidos entrou em contato com a Fazenda para agendar um debate acerca do tarifaço contra parte das exportações brasileiras.

"A assessoria do secretário [Scott] Bessent fez contato conosco e, finalmente, vai agendar uma segunda conversa. A primeira, como eu havia adiantado, foi em maio, na Califórnia. Haverá agora uma rodada de negociações e vamos levar às autoridades americanas nosso ponto de vista, e obviamente vamos recorrer às instâncias devidas, tanto nos EUA quanto a organismos internacionais", disse o ministro.

"Na nossa opinião, houve sensibilidade para algumas considerações que já havíamos feito mais de uma vez. Que isso não ia só afetar o trabalhador brasileiro, que ia afetar o consumidor americano. Algumas das nossas observações foram apreciadas e contempladas, mas estamos longe do ponto de chegada. Estamos em um ponto de partida mais favorável do que se imaginava, mas longe do ponto de chegada", ponderou Haddad.

Impactos

O decreto de Trumpo anuncia um tarifaço geral de 50% para exportações brasileiras, mas colocou 694 exceções, isentando produtos que fossem, à primeira vista, prejudicar diretamente o mercado norte-americano. Dentre as exceções estão os setores de suco de laranja, celulose, aviões, madeira, ferro, dentre outros. Contudo, diversos setores ficaram de fora, especialmente do agronegócio – como café, cacau, açúcar, frutas, carne bovina e pescados. Na avaliação de Fernando Haddad, "há casos que são dramáticos" para alguns setores.

O vice-presidente da República e ministro de Desenvolvimento, Indústria e Comércio, Geraldo Alckmin (PSB), calculou que, caso o tarifaço seja de fato efetivado, ele representará um impacto negativo de 35,9% nas exportações para os EUA. Em entrevista ao programa "Mais Você" nesta quinta-feira, ao lado da apresentadora Ana Maria Braga, o vice-presidente destacou que "a negociação não termina hoje [quinta-feira], ela começa hoje".

"Vamos defender os 35% das exportações que foram afetadas. Vamos nos debruçar nesses 35% e preservar empregos, fazendo estudos visando esses setores mais atingidos", disse Alckmin que ainda completou que o Executivo segue aberto para o diálogo com os EUA a fim de mostrar que as tarifas serão um prejuízo para ambas as nações. "É um perde-perde. Nos atrapalha em mercado, emprego e crescimento, e encarece os produtos americanos", ele reiterou.

Governadores

Mas enquanto o governo federal ainda não divulga medidas concretas para tentar amenizar os impactos do tarifaço de Tump, ao menos cinco governos estaduais anunciaram que estão se organizando por conta própria para não prejudicá-los. Os governos de São Paulo, Paraná, Goiás, Minas Gerais e Rio Grande do Sul anunciaram uma série de medidas, como a criação de crédito extraordinário para produtores afetados com as tarifas.

Pela primeira vez no ano, aprovação de Lula supera

Ricardo Stuckert/PR

Postura de Lula frente ao tarifaço influenciou

Por Gabriela Gallo

Pela primeira vez desde novembro do ano passado, os níveis de aprovação do governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) superam os níveis de desaprovação. De acordo com a nova Pesquisa Atlas/Intel, realizada em parceria com a Bloomberg, 50,2% da população aprova o presidente Lula, enquanto 49,7% desaprova. Embora o índice de aprovação supere o de desaprovação, na margem de erro há um empate. A pesquisa, divulgada nesta quinta-feira (31), ouviu 7.334 pessoas entre os dias 25 e 28 de junho e tem o nível de confiança em 95%. No último levantamento, os níveis de desaprovação eram de 50,3% e a aprovação da figura Lula era de 49,7%. Com isso, entre junho e julho, a aprovação cresceu quase três pontos percentuais e a desaprovação caiu dois pontos percentuais.

Por outro lado, o nível de desaprovação do governo Lula 3 como um todo segue superior ao nível de aprovação da gestão do terceiro mandato do petista. Segundo a Atlas/Bloomberg, 48,2% avaliam o governo Lula como ruim ou péssimo, 46,6% como bom ou ótimo e 5,1% como regular.

Eleições

Mas apesar do índice de desaprovação do governo superar o de aprovação, se as eleições presidenciais fossem hoje, Lula venceria todos os eventuais candidatos no primeiro turno. Lula venceria mesmo o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL), seu maior adversário, que está, porém, inelegível. Nesse cenário, Lula teria 47,8% das intenções de votos e Bolsonaro 44,2%.

E em um eventual cenário sem Jair Bolsonaro – que tende a ser mais provável que já que o ex-presidente foi condenado pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e não poderá concorrer em 2026 – o atual presidente apresenta altas chances de se reeeleger. Segundo o levantamento, Lula teria 48,5% de intenção de votos, o mesmo percentual, contra todos os atuais nomes cotados para a direita.

O governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), por enquanto é nome mais próximo, com 33% de intenção de votos. Em um eventual cenário sem Tarcísio, a segunda candidata com maiores intenções de voto é a ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro, com 29,7%. Já em um cenário sem uma reeleição de Lula, a vantagem também poderia ser do PT, embora bem mais apertada. Se o candidato for o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, ele ficaria com 34,2% contra 33,8% de Tarcísio de Freitas.

EUA

Um dos fatores que contribuiu para essa melhora na popularidade da imagem do presidente da República é o posicionamento do chefe do Executivo brasileiro em reafirmar o Brasil como um país soberano perante as tarifas de 50% impostas pelo presidente dos Estados Unidos da América (EUA), Donald Trump (Republicano). Desde que o Brasil se tornou alvo das políticas monetárias protecionistas do segundo mandato de Donald Trump, Lula tem reafirmado que o Brasil não irá se curvar na guerra tarifária entre os países.

E a aprovação do presidente é um resultado direto da avaliação geral negativa da população sobre as taxações dos Estados Unidos.

Segundo o último levantamento do Datafolha, também divulgada nesta quinta-feira, 66% dos entrevistados acreditam que a taxação dos produtos brasileiros nos EUA vai prejudicar muito a economia brasileira; 23% dos entrevistados acreditam que o tarifaço vai prejudicar um pouco da economia; 7% acham que as tarifas de 50% não vão prejudicar a economia brasileira e 4% não souberam responder.

O levantamento da Datafolha foi realizado presencialmente nos dias 29 e 30 de julho e ouviram 2.004 pessoas de 16 anos ou mais em 130 municípios do país. A margem de erro da pesquisa é de dois pontos percentuais, para mais ou para menos.

Saindo da esfera nacional e questionados se o tarifaço de 50% em exportações iria atingir diretamente a vida dos entrevistados, 43% avaliam que a taxação dos produtos brasileiros nos EUA vai prejudicar muito a sua situação econômica pessoal.